

DISCURSO E SUJEITO EM PRIMEIRO DE MAIO

Contos Novos – Mário de Andrade
Cristina Tischer Ranalli Aparecido*

RESUMO

Os mecanismos de deitização estão presentes em todos os enunciados do cotidiano, por isso, são empregados inconscientemente pelo falante. São mecanismos que pela automatização da linguagem materna, nem sempre são analisados ou descobertos pelo consciente do falante. O locutor exerce um papel fundamental no ato da comunicação, já que ele deve organizar seu pensamento, seus recursos estruturais da linguagem, a fim de convencer o alocutário e fazê-lo entender seu enunciado. Sabe-se que nem sempre o locutor fala seu próprio enunciado. Muitas vezes ele reproduz o discurso de uma ideologia oculta arraigada na sociedade em que vive. Ao alocutário resta perceber as relações existentes na produção comunicativa e decidir sobre o enunciado apresentado. Afinal, os enunciados são compostos de segundas intenções, tecendo um jogo fascinante e infinito no campo lingüístico.

PALAVRA-CHAVE: ideologia – locutor – alocutário

ABSTRACT

The processes of linguistics references are set in all kinds of statements in our everyday life, therefore, they are used unconsciously by speakers. They are processes which, with the mother tongue automation, not always are analyzed or discovered by the conscious speaker. The announcer has an important and an essential role in the communication act, as he has to organize his thoughts, his language structure resources, in order to persuade the addresser, and makes the addresser understand his statement. We all know that not always the announcer speaks his own statement. Most of the time he reproduces the speech from a certain hidden ideology from his own society. The only way out the addresser has, is to realize all the existent relation among communication production and he has to decide about the statement settled. At last, the statements are formed with hidden meanings, making an interesting, charming and endless game in the linguistic field.

KEY-WORDS: ideology – announcer – addresser

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar alguns aspectos da obra de Mário de Andrade, especialmente em *Contos Novos*, publicado postumamente em 1947. Deter-se-á à análise de um conto em específico: *Primeiro de Maio*.

Em suas narrativas, Mário cria um narrador interessado em perceber e revelar determinados seres, os homens comuns atomizados nas relações sociais e, ao

* Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelas Faculdades Padre Anchieta e Mestranda em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora do Ensino Médio na Rede Particular de Ensino.

mesmo tempo, alienados de seus próprios desejos. Assim, o narrador volta seus olhos para as circunstâncias pequenas, quase que insignificantes tomadas de consciência e grande alienação das classes menos favorecidas pelos padrões sociais vigentes naquela época e que não se tornou atemporal em nossa sociedade. Temos a ideologia como “ópio do povo”, gerando a alienação e o assujeitamento, tão visíveis em *Primeiro de Maio*. Partilhamos esse assujeitamento com o 35, personagem principal, e com ele adquirimos a consciência de que também somos assujeitados numa sociedade não muito diferente da dele. Somos, também, praticantes de uma ideologia oculta aos nossos olhos, assim como o 35 não podia perceber a ideologia que o dominava.

1- Contos Novos

O livro é composto de nove contos, nove eventos nucleares que estruturam e dão significado à narrativa. Cada espaço, cada personagem, cada ação faz parte de uma narrativa maior, de um projeto central, que é olhar para o homem comum, anônimo e para a sua realidade, e por que não, identificar-se com essas situações e personagens. Anatol Rosenfeld (1973) aponta uma unidade profunda do conjunto narrativo em *Contos Novos*, afirmando que todos os contos “parecem variações de uma mesmo tema: o tema do homem disfarçado, do homem desdobrado em ser e aparência.” Mas essa unidade profunda não aparece às primeiras leituras. Na seqüência apresentada por Mário, o que surge é a heterogeneidade de assuntos, temas e procedimentos narrativos aparentes. Apenas uma leitura atenta e global pode desvendar o quebra-cabeças genialmente arquitetado por Mário de Andrade em sua obra.

Desde a década de 20, a tensão política no mundo se agravava. O caos político eclode na Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, em 1922, há a fundação do Partido Comunista, com a ideologia marxista. Desde a Semana de Arte Moderna, vários tumultos aconteceram no cenário brasileiro. Foi uma época marcada por desencantos e desafios. O reflexo desse caos político e das novidades políticas que chegavam ao Brasil, como o Marxismo, resulta no conto *Primeiro de Maio*. Esse conto tem temática social, na qual trabalhadores honestos vivem situações de opressão e vão se descobrindo impotentes diante dela. Em outros contos o enfoque não é político, mas sim trivial sobre grupos sociais menos favorecidos do contexto brasileiro, principalmente os grupos sociais paulistas. A intenção está em mostrar o banal, o rotineiro através das atitudes mais automáticas que uma sociedade possa ter.

Assim Mário de Andrade vai perfilando situações e personagens que retratam a sociedade brasileira, revelando com maestria o verdadeiro brasileiro.

2- Primeiro de Maio

2.1- Aspectos Gerais dos Elementos da Narrativa.

Analisemos, pois, o conto em seus vários aspectos de estrutura: ação, tempo, espaço e personagens. Partamos, então, para a análise dos recursos narrativos do conto Primeiro de Maio de Mário de Andrade, publicado em *Contos Novos* em 1947.

Temos o foco narrativo em terceira pessoa, onisciente, que nos faz conhecer não só os aspectos físicos da personagem, mas principalmente os psicológicos “Estava bem disposto, até alegre...”, “Uma indecisão indiscreta o tornou consciente de novo que era Primeiro de Maio, ...”, “O 35 se sentiu bobo, impossível recusar, envilecido.” Nos faz perceber, também, o indivíduo anônimo de uma certa História, uma História que só valoriza e atribui identidade aos autores de grandes façanhas. Esse narrador onisciente, no decorrer do conto, vai abrindo espaço cada vez maior para o protagonista, o 35, fundindo-se com ele através do discurso indireto livre.

Quanto ao espaço, temos o espaço urbano (a cidade de São Paulo) “... ele bem afirmara aos companheiros da Estação da Luz...”, “Ele ficou parado assim, mais de uma hora, mas de duas horas, no Largo da Sé, diz-que olhando a multidão.”, “...pegavam fogo na igreja de São Bento...”.

O tempo cronológico é de apenas doze horas, mas poderíamos dizer que o tempo psicológico evolui em alguns anos na mente da personagem. O conto se passa no Primeiro de Maio -> tempo cronológico. Quanto ao tempo psicológico notamos o amadurecimento da personagem e a transição da adolescência, com toda a sua ideologia, até certo ponto pueril, para a fase adulta, com seus questionamentos e frustrações, “Porém ele se agradava daqueles músculos intempestivos, fazendo a barba.”. Há nesta transformação psicológica a tomada de consciência da situação social em que a personagem vive, embora não consiga percebê-lo de imediato, uma vez que sua atitude diante do espelho é mais narcisista que de tomada de consciência da realidade. Seu corpo estava se modificando pelo trabalho braçal, uma modificação um tanto quanto desarmônica. Era uma transformação decorrente da situação a que se sujeitava por sua condição social e não simplesmente porque estava crescendo.

A ação é predominantemente interna, embora vários acontecimentos ocorram na cidade de São Paulo que servirão de suporte para as reflexões da personagem. A ação externa é importante à medida que suscita na personagem o ato da reflexão. A personagem entra em conflito com os conceitos pré-estabelecidos pela sua vivência quando não consegue colocá-los em prática no mundo “real”. A ação interna fará com que a personagem entre em conflito, resolva o problema instaurado, mas no desfecho do conto percebemos que pouco foi mudado. A mudança interna da personagem não foi tão significativa a ponto de mudar sua condição social, pois tudo volta à mesma rotina, rotina esta que já era cômoda para a personagem. Mudar requer esforço, trabalho, manter o que se tem é fácil, tranquilo.

Na análise da personagem temos vários aspectos para explorar. O primeiro

aspecto, e de suma importância, é o fato de as personagens do conto não terem nome de batismo. São todos números. A personagem principal é o 35, que tem como amigos o 486 e o 22. Numerando as personagens, Mário de Andrade mostra a massificação da cidade de São Paulo, dos grandes centros urbanos do mundo. O próprio título é uma data comemorativa: Primeiro de Maio. O 35 vive num período histórico conturbado – ditadura getulista – e tenta entender o mundo que o cerca. Quer ser herói, mas se vê um covarde diante das situações de maior conflito. O 35 observa vários eventos pela cidade de São Paulo, tais como: as manipulações de trabalhadores, a imposição da ideologia nacionalista, a subordinação dos sindicatos ao Estado... Ele é movido pela ânsia trazida pelo dia que imaginava festivo e também pela alienação que a lógica do trabalho lhe impôs. O 35 não conhece o descanso do corpo, já que antes das seis da manhã está acordado, com os músculos prontos, revelando seu condicionamento social e alienação ideológica.

Mas esses números são mais que personagens, são evocações que Mário de Andrade faz para resgatar datas significativas na memória da luta operária. O 35 seria o ano de 1935, ano da primeira tentativa dos comunistas brasileiros chegarem ao poder. O 22 refere-se ao ano de 1922, ano da fundação do Partido Comunista Brasileiro. É também o ano da Semana da Arte Moderna, ano de implantação de uma mentalidade progressista na cultura brasileira. O 486, conforme interpretação de Frederico Barbosa (poeta e professor de literatura do Anglo) parece ser uma composição numérica alusiva aos 4 anarquistas americanos enforcados em Primeiro de Maio de 1886 em Chicago.

Para que o 35 não se sinta alienado, ele tenta unir a emoção à inteligência, pois mesmo que os pés o conduzam ao trabalho, ele procura comemorar “sua” data. Nessa ânsia de comemoração, o 35 se vê dividido e confuso. A data sugere luta trabalhista, mas ele só encontra o silêncio imposto pelo policiamento da ditadura getulista.

O 35 vive o conflito entre celebrar e lutar, mostrando-se dividido. Ele sabe que o dia Primeiro de Maio não é apenas um feriado e sim um dia para celebrar e depara-se com um Primeiro de Maio historicamente marcado pela repressão. O 35 acaba agindo, ora segundo a lógica dominante (celebração), ora segundo a lógica do dominado (luta). Deste conflito, vivido pelo 35, podemos observar a mudança que ele sofre neste período de doze horas do conto. Pela manhã, o sol é maravilhoso e o ar é feliz; à tarde o sol brilhante queimava, tornava-se pesado; às dezessete horas, hora da tão sonhada celebração, instaura-se um tom de melancolia, de conspiração, uma vez que o 35 adquire a consciência de sua impotência diante da ironia histórica. O dia do 35 acaba, e ele perde a inocência, além de se sentir o mais desamparado dos seres humanos. Ele adquire a consciência de que a cidade não ficou vazia por um acaso e começa a perceber na prática o significado daquilo que lia nos jornais e tantas vezes tinha dificuldade de entender. A ironia histórica que vive leva o 35 a ajudar o velho 22 através de uma consciência de classe, fazendo uso de uma teoria marxista sem ao menos saber que o fazia. Além da questão do sol, que

muda com a tomada de consciência do 35, temos outro elemento que sofre a mesma caracterização: as roupas cuidadosamente escolhidas representando as cores da bandeira nacional. Ele começa se achando “lindo”, depois “bem vestidinho” e por fim “ridiculamente vestido”.

O 35 é um trabalhador braçal que tenta colocar em prática sua ideologia, ou melhor, a ideologia que lhe é imposta, criando assim o efeito do assujeitamento do discurso. Ele tenta instruir-se lendo o jornal. Lê e chega à conclusão de que não entendeu a notícia, mas se acha importante e culto por conseguir reproduzi-la, “Com seus vinte anos fáceis, o 35, mais da leitura de jornais que de experiência...”, “Era em Madri, no Chile que ele não tinha bem lembrança se ficava na América mesmo...” Tentava livrar-se do condicionamento imposto pela sociedade, mas não conseguia livrar-se nem do caminho do trabalho “O caminho não era aquele, aquele era o caminho do trabalho.” “Querida passear e quando dava por si, ele estava indo ao trabalho novamente.” Cria-se, então, uma tensão entre pensamento e ação, imagem e consciência que constituem o dilema que move a intriga. A mente o leva a procurar o espaço da celebração, mas os pés o conduzem ao espaço do trabalho. Concretiza-se, assim, a alienação: pés e mente divididos.

Em analogia histórica, poderíamos dizer que o 22 era a base, o condutor do 35, já que o 22 era mais velho e no ano de 1922 foram dados vários passos importantes para a modernização do Brasil. O 35 era jovem, um aprendiz e sonhador num cenário conturbado. Havia conflitos nas Artes, na Economia e, principalmente, na Política. O 35 tentou ser herói, mas não conseguiu reunir forças suficientes para seguir os passos do 22 (que também tinha-se acomodado pelas próprias experiências vividas), pois no regime ditatorial de 1935 não havia espaço para heróis, apenas para “covardes”.

2.2 - Discurso e Sujeito.

Um só texto é, normalmente, atravessado por vários discursos, quer sejam machistas, históricos, econômicos, políticos, quer sejam aparentemente neutros. O fato é que a neutralidade, em se tratando de discurso, não existe. “O discurso é um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas.” (CARDOSO, 1999). Assim sendo, o discurso será um veículo de concretização ideológica, psicológica, histórica, etc, além de ser o melhor representante de uma sociedade. Cada falante utiliza-se da linguagem dependendo de seu nível sócio-cultural, sócio-econômico e, principalmente, de sua intenção discursiva. Os enunciados que constituem o discurso são estruturados, arquetizados, selecionados e organizados mediante a intenção de um locutor (aquele que produz o enunciado).

“O discurso é um conjunto de enunciados, é um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e esquiva, e também de luta; o espaço em que o **saber** e o **poder** se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar

a partir de um direito reconhecido institucionalmente.”, declara Foucauld em 1969. (apud CARDOSO). Percebemos essa luta claramente em *Primeiro de Maio*. O 35 trava uma luta constante entre celebrar e reivindicar, mas quando a luta chega ao nível discursivo, ele se acovarda por não confiar mais em seu próprio discurso. Ele está confuso e não se sente capaz de argumentar, de lutar pela sua ideologia, ou pelo menos pela ideologia que pensa ser sua.

Há alguns elementos que são indispensáveis para a produção de um discurso. São eles: locutor, aquele que diz algo. Em *Primeiro de Maio* é o 35; alocutário, aquele que recebe o enunciado, para quem se diz o que se tem para dizer. No conto o alocutário é o leitor; referente, o que dizer, determinado pelos sistemas semânticos de coerência. Temos, então, a era getulista com toda a opressão dos trabalhadores; uma forma de dizer, numa determinada língua e num determinado nível lingüístico levando-se em consideração o alocutário, pois este deve entender o enunciado a fim de estabelecer comunicação. Observamos no conto a construção em Língua Portuguesa, sem expressões estrangeiras, escrita numa linguagem coloquial, muito próxima do falar popular da cidade de São Paulo; contexto no sentido estrito, o aqui e o agora do ato do discurso. Temos um dia na vida de um operário que tenta comemorar a data de Primeiro de Maio; e contexto no sentido lato, as determinações histórico-sociais, ideológicas etc. A história se passa no tempo cronológico de doze horas, numa data comemorativa em pelo governo getulista. Observa-se que há referências a comemorações em alguns países, mas no Brasil, e mais especificamente em São Paulo, o que impera é a repressão social de um governo ditador.

A enunciação é um processo de apropriação da língua para dizer algo. Ao enunciar, o locutor marca sua posição no discurso por meio de determinados índices formais dos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na revelação da subjetividade. Benveniste (1974) afirma que “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação – ela postula um alocutário.” No processo de enunciação, ao instituir-se um EU, institui-se, necessária e automaticamente, um TU (o alocutário). Portanto o EU e TU são os protagonistas da enunciação, sendo que o EU é pessoa subjetiva, enquanto o TU é pessoa não subjetiva.

Temos assim o 35 locutor como uma pessoa subjetiva. Ele produz a enunciação, já que o narrador onisciente lhe dá espaço para isso. Ele procura um alocutário para ajudá-lo a resolver seu conflito interno e, na maioria das vezes, acha um alocutário que não pode fazer nada por ele por ser esse alocutário o próprio leitor. O 35 é subjetivo, pois é determinado pela posição ideológica colocada em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas num contexto comemorativo em um cenário político conturbado. O sujeito, o 35, opera seus enunciados em dois níveis: 1 – num nível inconsciente, ideológico, em que o sujeito “esquece”, apaga qualquer elemento que remeta ao exterior a fim de produzir determinado sentido; 2 – num nível pré-consciente ou consciente em que coloca fronteiras entre o que pode e deve ser dito e o que não pode ser dito. Essa operação

dá ao sujeito a ilusão de que seu discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade, de que é senhor de suas palavras, origem e fonte de sentido. O 35, ao recusar-se a trabalhar em data tão importante para todos os trabalhadores, assume uma postura de ilusão discursiva quanto à prerrogativa de que é dono de seus atos e suas enunciações, não sendo influenciado por ninguém ou por nenhuma ideologia sócio-política.

Essa ilusão, embora pareça negativa, é extremamente necessária para que a identidade se mantenha e para que o ser humano não se sinta tão insignificante diante do que lhe é mais natural – enunciar. Está instaurado, então, o assujeitamento do 35. Ele pensa que é dono de seus atos, mas na verdade é um mero instrumento, uma mera peça de um jogo sócio-político-cultural num Brasil que vive um momento peculiar na História de seu povo.

O 35 é transformado pelos próprios pensamentos e sentimentos marcados pela forte presença dos discursos indiretos livres, os quais figuram o pensamento conflitante: a alienada identificação com os “operários da nação”, noticiados pelos jornais que o 35 lê, e o desejo dos motins que o unem a seus pares de classe. Com a tomada de consciência, aprende que todos lhe são estranhos e que a realidade está no escondido, bem como percebe que o discurso tem o sentido oposto do que aparenta. Não há mais vínculo entre pensamento e ação, nem entre o eu e o outro, ou entre o corpo do indivíduo e o corpo social. Por fim a palavra “celebração” torna-se uma interrogação depois de tantas experiências vividas em tão pouco tempo.

No conto *Primeiro de Maio* podemos observar também duas representações da fala que são marcantes: 1 – a do pensamento, numa fala interna que reflete ou percebe sensivelmente as leis do mundo e as contradições da vida pessoal o social (conflito interno do 35 com sua tomada de consciência); 2 – a do pré-consciente, no momento em que reaparecem, descolados, desejos reprimidos, impulsos inconscientes (o 35 quer pôr fogo na Igreja de São Bento, quer bater na polícia, mas não faz nada disso, reprime seus desejos, seus impulsos). O 35 tem a dicção específica do semiletrado e sua identidade se inscreve também no vocabulário feito de palavras como “turumbambas”, “drento” e “fuças dum polícia”. Ele pensa “turumbambas” ao ler nos jornais a palavra desconhecida “motins”. Isso não o impede de se mover. Ele não domina o padrão culto da língua, mas aprende em suas andanças pela cidade de São Paulo. Percebe que o Palácio das Indústrias não é o SEU Palácio, e sim uma “fortaleza enfeitada” onde as forças getulistas querem manter aprisionados os proletários. Assim, toma a posição de um assujeitado que sabe sobreviver em meio a uma sociedade hostil para com as classes menos favorecidas.

Temos, portanto, um sujeito comum desprovido de poder de ação, fazendo parte do grupo de bodes expiatórios modernos, sem força para alterar a exterioridade do mundo e transformando-se a si mesmo a fim de virtualizar a possibilidade da transformação do indivíduo na História. Mário de Andrade revela um 35, representante da classe oprimida, em flagrantes da vida ficcional compreendendo-o como aque-

le que, embora no embate contra forças maiores são dominados e fracassam, impondo-se não como “desfibrados”, mas sim como subjugados. O 35 não tem consciência de seu assujeitamento, pois sendo humilde não consegue definir a própria ideologia político-social em que vive. A sua consciência de assujeitado está no subconsciente fazendo-o agir corretamente, segundo padrões pré-determinados, mas fazendo-o acreditar que age por livre e espontânea vontade. Suas decisões e atos são tomados mais como reflexo instintivo ativado pela necessidade de sobrevivência que pela tomada de consciência e desejo de mudar a realidade que lhe é apresentada.

2.3 - Elementos Dêiticos.

“Nenhum texto apresenta de forma explícita todas as informações necessárias à sua compreensão: há sempre elementos implícitos que necessitam ser recuperados pelo ouvinte/leitor por ocasião da atividade de produção do sentido.” (Koch) As leituras feitas pelos diferentes leitores de um mesmo texto é natural, assim como o mesmo leitor pode ter leituras diferentes de um mesmo texto em momentos diferentes de sua vida. Há de se levar em consideração o contexto de quem enuncia e o contexto de quem recebe o enunciado. Assim sendo, o locutor tem que produzir um enunciado pensando em seu alocutário, por ser esse alocutário a razão do enunciado.

Nesta produção de enunciações temos que observar os atos da fala. Toda ato da fala é, ao mesmo tempo, locucionário (emissão de um conjunto de sons organizados de acordo com as regras da língua), ilocucionário (atribui a esse conjunto uma determinada força: pergunta, asserção, ordem, promessa...), e perlocucionário (destina-se a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo...).

Em *Primeiro de Maio* observamos a teoria do ato de fala. Temos um locucionário, ora na voz do narrador onisciente, ora na voz do protagonista, 35. Eles selecionam e organizam suas idéias para expô-las ao alocutário/leitor. Eles fazem uso do código da Língua Portuguesa para exporem suas realidades, suas observações e, no caso de 35, suas frustrações. O ilocucionário também aparece na voz do 35. Ele vive em pleno conflito nas doze horas do conto. Está sempre refletindo, perguntando-se, prometendo e quebrando suas promessas por não se sentir com coragem suficiente para cumpri-las. O perlocucionário aparece quando o 35 tenta convencer-se da celebração. Ele também toma uma postura medrosa quando se vê à beira de cometer algum “ato heróico”, por temer as autoridades locais, descritas pela postura e vestimenta.

Tendo como base a teoria do ato da fala no ato interlocucional, observamos a subjetividade que os enunciados produzem. Benveniste (1974) dedicou-se ao estudo da subjetividade na língua e destacou alguns marcadores importantes para a análise de enunciados. Há a distinção entre os pronomes da pessoa (1^a. e 2^a.) que

designam os interlocutores, os sujeitos da interlocução (eu, tu, nós, vós, você, vocês) e os pronomes da não pessoa (3ª.) que designam os referentes, seres do mundo extralingüístico de que se fala. Os verbos também são marcadores significativos, já que os verbos no pretérito perfeito simples, imperfeito, mais que perfeito e o futuro do pretérito do indicativo indicam um enunciado histórico com relatos de eventos passados sem envolvimento do locutor. Já os verbos no presente, pretérito perfeito composto e futuro do presente caracterizam a enunciação do discurso, uma enunciação que acontece através da apropriação da língua pelo EU e TU. Essa é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte (alocutário), além da intenção do locutor de influenciar o alocutário de alguma maneira.

Neste contexto, somos capazes de identificar algumas marcas de enunciação: os elementos dêiticos. As referências dêiticas são formadas pelo conjunto dos mecanismos que fazem corresponder a certas unidades lingüísticas, não só as unidades internas do discurso, mas elementos que lhe são exteriores e que dizem respeito à situação de comunicação. Sua definição está associada a unidades lingüísticas cujo funcionamento semântico referencial (seleção e interpretação de códigos) implica levar em consideração certos elementos constitutivos da situação da comunicação.

No mecanismo de deitização, destacam-se três componentes básicos: pessoa, espaço e tempo formando, segundo Parret (apud BRANDÃO) o triângulo dêitico. Os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de ancoragem para a inscrição da subjetividade na linguagem. Em torno deles e a partir deles, a linguagem organiza os outros indicadores da dêixis. Podemos então afirmar que os pronomes formam o núcleo da célula dêitica, assim como o sol é o núcleo de nosso sistema solar.

Analisando *Primeiro de Maio* podemos observar a primeira instância do mecanismo de deitização, destacando um: A) Locutor – representado ora pelo 35, ora pelo narrador onisciente. A distinção entre eles acontece no começo do conto, pois o narrador funde-se com o 35, personagem principal, fazendo uso do discurso indireto livre. Há uma certa autonomia do 35 sobre o narrador que, por vezes, toma a posição de ouvinte dos fatos narrados pelo 35. B) Alocutário – representado pelo próprio leitor que acompanha, sofre, reflete e vivencia com o 35 suas experiências sem ter como ajudá-lo ou interferir na enunciação.

Na instância do locutor temos alguns marcadores de 1ª. pessoa. “Não vou! Não sou besta! Quero dizer: sou sim!”, “...às quatorze horas venho aqui, não perco, mas devo ir, são nossos deputados no tal congresso, devo ir.” Essa marcação de 1ª. pessoa é predominantemente desinencial, uma vez que observamos a presença do EU através das desinências verbais dos verbos flexionados na primeira pessoa do singular.

Na instância do alocutário há uma subdivisão, pois temos o alocutário leitor, o alocutário personagem e o alocutário incluso no NÓS. O alocutário leitor não interfere em nada na enunciação, apenas toma conhecimento do drama vivido pelo locutor 35. O alocutário personagem é marcado pelos amigos do 35, o 486, o 22 entre

outros. Apenas o 486 e o 35 não estão trabalhando e o 22, com outros companheiros, caçoam da situação e da infantilidade do locutor 35. “Chegou lá (Estação da Luz), gesticulou o bom-dia festivo, mas não gostou porque os outros riram dele, bestas.”, “Mas um riso aqui, outro riso acolá, uma frase longe, os carregadores companheiros, era tão amigo deles, estavam caçoando.” O alocutário personagem é a base do desequilíbrio do 35. Eles começam a caçoar e a fazer o 35 refletir sobre a celebração. O 35 começa a se perguntar o porquê de tal reação de seus amigos. O 35 começa perceber que há algo de errado, ou pelo menos estranho em toda aquela situação. Portanto, o alocutário personagem é de suma importância na interlocução, pois é através dela que o conflito se instaura. O alocutário incluso no NÓS aparece na reflexão do 35 enquanto consciência de classe social e nos momentos em que ele quer lutar e não mais celebrar. “Vamos no Palácio do Governo, exigimos tudo do governo, vamos com o general da Região Militar, deve ser gaúcho, gaúcho só dá é farda, pegamos fogo no palácio dele.” A primeira pessoa do plural, marcada pelas desinências verbais referem-se ao 35 e todos os companheiros de luta que ele imaginar ter. Na verdade, ao utilizar o dêitico de primeira pessoa do plural, o 35 almeja poder fazer algo contra o regime opressivo que está vivenciando. Para isso ele precisa de companhia, pois já tem a consciência de que sozinho não pode fazer nada. A questão é que ele descobrirá que está sempre sozinho. A marca da coletividade através do NÓS só aparece em suas reflexões, em suas idealizações.

A indicação espacial se dá com o emprego dos advérbios LÁ e AQUI. No conto, temos a localização percorrida pelo 35 no centro de São Paulo. Ele sai de sua casa, vai para o Estação Luz, Praça da Luz, Palácio do Governo, cafés, bares, bancos, Prefeitura, Anhangabaú, Palácio das Indústrias, além das ruas por onde perambula. A locomoção neste território todo se dava à pé ou de bonde, mas o 35 era trabalhador da Estação da Luz e estava em contato direto e diário com o LÁ e o AQUI através dos passageiros da linha férrea. Além disso, o LÁ e AQUI também podem ser encontrados nas referências locais de São Paulo (aqui) e na leitura do 35 (lá), quando ele toma consciência da situação sócio-política de Paris, Cuba, Chile e Madri, sem ao menos ter certeza da localização geográfica de tais lugares. Ele só sabia que tais lugares eram distante de onde estava.

O tempo cronológico é de doze horas. Os verbos se apresentam, em sua maioria, no pretérito, típico de relatos, uma vez que o conto está em terceira pessoa com narrador onisciente. Os fenômenos meteorológicos parecem mudar no decorrer do dia, mas na verdade essa mudança se dá apenas no estado de espírito do 35. Ele, na verdade, se torna mais sensível, mais consciente e o dia assemelha-se aos seu instante emocional, sua consciência conflitante. O sol, pela manhã, brilha anunciando um belo dia, à tarde queima, tirando o ânimo de andar em busca das manifestações que não aconteciam nunca e no crepúsculo é melancólico, pois é o momento da tomada de consciência de que seu dia acabara e nada mudara. “Estava inquieto mas modorrento, que diabo de sol pesado que acaba com a gente, era por causa do sol.”

2.4 - O Processo Ideológico:

A linguagem humana é concebida de maneiras diversas no curso da história. Em *Primeiro de Maio* identificamos o conceito da linguagem humana como forma de ação ou interação, pois como lugar de interação possibilita aos membros da sociedade praticar os mais diversos tipos de atos, que vão exigir semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriores inexistentes. Instaura-se um jogo que se joga na sociedade, na interlocução para transmitir, impor ou aceitar uma ideologia.

A lingüística do discurso é uma lingüística que se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinada condição de produção. Sabemos que o 35 é um ser fictício, mas não podemos negar que todo personagem dentro de seu mundo fictício é real. Por outro lado, enquanto personagem, representa um indivíduo do mundo real. Afinal, quantos 35 encontramos diariamente a nossa volta? Assim sendo, a lingüística do discurso pode auxiliar na interpretação do 35 enquanto representante de uma determinada condição de produção lingüística em seu contexto histórico-cultural e que faz uso de uma enunciação específica para exteriorizar seus pensamentos, seus conflitos, sua evolução.

A função da comunicação é persuadir, argumentar e neste contexto, mesmo inconscientemente, o ser humano não encontra dificuldades. Sabemos que o uso da língua é essencialmente argumentativa, procurando dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. Ducrot afirma que toda língua possui, em sua gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados, pois ela está inscrita na própria língua. Portanto, o locutor de um enunciado faz uma seleção de palavras para organizá-las, a fim de que sua enunciação atinja seu objetivo de convencer, agradar, assustar ou persuadir o alocutário/ouvinte. As pessoas detentoras de maior facilidade com a seleção e organização das estruturas lingüísticas, certamente farão melhor uso dos recursos que a língua tem a oferecer e obterão sucesso social pela aplicação de sua habilidade lingüística em prol da defesa e persuasão de suas ideologias.

A linguagem, sem sombra de dúvidas, é instrumento de poder. Ela cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico, além de influenciar o comportamento humano. Segundo Stálin (apud FIORIN), as classes sociais usam a linguagem para transmitir suas representações ideológicas, sendo então o veículo de tais representações. Portanto, a linguagem é, ao mesmo tempo, autônoma em relação as formações sociais e determinada por fatores ideológicos, pois não existem idéias fora dos quadros da linguagem, a visão de mundo não existe desvinculada da linguagem e a ideologia será vista como algo imanente a realidade e, conseqüentemente, será indissociável da linguagem. A linguagem pode ser instrumento de libertação ou opressão, de mudanças ou conservação, pois quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa

forma contribui para reforçar as estruturas de dominação.

O discurso materializa as representações ideológicas, já que o discurso é o lugar das coerções sociais, enquanto o texto é o espaço da liberdade individual. O homem, como animal racional que é, organiza seu discurso como quer para exprimir o que quiser, embora o “árbitro” da discursivização não seja o indivíduo, mas sim as classes sociais. Todo conhecimento está comprometido com os interesses sociais, e a ideologia é uma visão de mundo, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social através do discurso. A ideologia é constituída pela realidade, constituinte da realidade e determinada pelo nível econômico. Numa formação social, há tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais e, neste contexto, a ideologia dominante será a ideologia da classe dominante. Temos em nossa sociedade uma produção capitalista, portanto a ideologia dominante é a ideologia burguesa. O discurso é, ao mesmo tempo, prática social cristalizada e modeladora de uma certa visão de mundo.

Segundo a ideologia marxista, numa formação social há dois níveis de realidade: essência e aparência, ou seja, um profundo e um superficial, um não-visível e um fenomênico. Marx afirma que a “linguagem é a consciência real”, pois o homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala. Temos assim as bases teóricas do assujeitamento. Não somos senhores de nossas palavras, somos sim representantes de uma ideologia dominante. A linguagem para Marx é determinada pelas condições sociais do enunciador.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. Esse assujeitamento é convencional, embora pareça natural, e inconsciente, pois é passado através da educação das gerações.

Em *Primeiro de Maio* temos um 35 assujeitado, idealista e conflitante. Ele, inconscientemente, tenta se instruir lendo o jornal, pois percebe a importância e a força da linguagem. Ele desconfia das pessoas do Palácio das Indústrias por perceber que eles são mais fortes que ele. Ele tenta acreditar que não tem nada a perder, mas não consegue ter confiança em seu próprio discurso por perceber sua insignificância social. Marx afirmou que o proletariado não teria nada a perder senão seus grilhões e que esse proletariado teria o mundo a ganhar. Mas o 35 não tinha coragem e forças suficientes para lutar contra um regime político tão austero. O 35 tem vontade de lutar, mas tem medo, provavelmente esse medo vinha das opressões políticas de sua época. Ele não queria correr o risco de perder sua liberdade, mesmo que fosse uma liberdade mascarada. Ele se contentaria com o pouco que lhe cabia na parcela social por não saber viver de outro modo. Acaba concluindo que é feliz e ajuda seus companheiros de trabalho no final do dia. Afinal, ali era seu território, ali ele conhecia todas as regras do jogo e não correria nenhum “risco de vida”. Ali ele se sentia livre e inteiro.

Conclusão

O ser humano deve desfazer a ilusão idealista de que o homem é senhor absoluto de seu discurso. Ele é um servo da palavra, já que temas, figuras, valores, juízos, etc. provêm das visões de mundo existentes na formação social. Portanto, somos todos seres assujeitados e dominados por fatores sócio-econômicos de uma política capitalista. A escravidão é, seja ele branca ou negra, antes de mais nada, uma categoria econômica da mais alta importância, uma vez que sem ela se atingirá a anarquia, a total decadência do comércio e da civilização moderna.

Neste contexto, a linguagem, em seus vários aspectos de análise, tem posição de destaque. É através dela que o ser humano comunica, informa, narra, luta, celebra, persuade, impõe, conquista, etc. O ser humano é um perito da linguagem, pois desde os primeiros anos de vida aprende a fazer uso de seus recursos, para tirar proveito das situações cotidianas. Com o tempo, ele aperfeiçoa seu domínio e elabora melhor seus enunciados, mas sem abandonar as funções básicas aprendidas desde cedo.

Em *Primeiro de Maio*, temos o 35 como representante da maioria dos brasileiros. O 35 é um homem comum, humilde, com pouca instrução, assujeitado, mas com desejo de mudanças. A questão não é a importância social da mudança, mas sim o ato de mudar, de reivindicar. O problema é que, como a maioria dos brasileiros, o 35 não encontra forças suficientes para modificar sua condição de vida. Ele tenta, mas as barreiras são tantas que ele resolve voltar ao seu mundo alienado, assujeitado e fragmentado. Ele vive em conflito e não gosta do que sente. Por fim, prefere sua condição de subalterno para que possa encontrar a felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. (1995) São Paulo. Scipione.

ANDRADE, Mário de. (1998) *Contos Novos*. São Paulo. Estadão.

BRAIT, Beth. (1987) *A personagem*. São Paulo. Ática. Série Princípios.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. (1997) *Subjetividade, argumentação e polifonia*. São Paulo. UNESP.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. (1999) *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte. Autêntica.

CHAUÍ, Marilena. (1998) *O que é ideologia*. São Paulo. Brasiliense.

- FIORIN, José Luiz. (2000) *Linguagem e ideologia*. São Paulo. Ática. Série Princípios.
- GIMENEZ, Alaíde. (1997) *Contos Brasileiros II*. São Paulo. Scipione.
- GUIMARÃES, Eduardo. (1995) *Os limites do Sentido*. São Paulo. Pontes.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo. Contexto. (memo)
- MARX, Karl. *Pensamento vivo de Marx*. Rio de Janeiro. Ediouro.
- MOISÉS, Massaud. (1987) *A análise literária*. São Paulo. Cultrix. p. 84-116.
- MOISÉS, Massaud. (1992) *Dicionário de termos literários*. São Paulo. Cultrix. p. 100.
- REBELLO, Ivone Daré. (1999). *A caminho do Encontro – uma leitura de Contos Novos*. São Paulo. Ateliê Editorial.
- ROSENFELD, Anatol. (1996) *Texto / Contexto I*. São Paulo. Perspectiva. p. 185-200.